

Via-Sacra Contemporânea | Adir Sodré | Benedito Nunes | Gervane de Paula | Jonas Barros | Regina Pena

Museu de Arte Sacra de Mato Grosso, Cuiabá, MT

17 de dezembro a 20 de fevereiro de 2010

**VIA-SACRA CONTEMPORÂNEA PROMOVE UMA RELEITURA DA TEMÁTICA RELIGIOSA E SE INSERE
NUM ESPAÇO ALTERNATIVO DO MUSEU DE ARTE SACRA, CRIANDO NÃO APENAS UM TRABALHO
DE DIÁLOGO ENTRE O CONTEMPORÂNEO E O HISTÓRICO, MAS TAMBÉM UM NOVO CANAL DE
COMUNICAÇÃO COM O PÚBLICO.**



Via-Sacra contemporânea

Aline Figueiredo

Curadora

Cuiabá, janeiro de 2010

Em detrimento do vigoroso estilo barroco e do sofisticado rococó, que dominaram as artes europeias, respectivamente no século XVII e na primeira metade do século XVIII, vigorou na Europa, antes, durante e depois da Revolução Francesa (1789), o severo estilo neoclássico a restaurar e a impor os ideais do classicismo grego e renascentista. Entretanto, em oposição a esses valores, o romantismo, com sua rebelde nostalgia, logo no início do século XIX, indicara à arte uma evocação ao passado gótico medieval, mais próximo da identidade formadora dos países europeus e mais dramático que as ordens da velha Grécia.

A propósito, no centro histórico de Cuiabá, a Santa Casa de Misericórdia (1817/19), o antigo Seminário Nossa Senhora da Conceição (1858/1882), hoje Museu de Arte Sacra e, mais tardia, a Igreja Nossa Senhora do Bom Despacho (década de 1920), constituem resquícios da arquitetura romântica entre nós, caracterizada pelas decorações pontiagudas, conhecidas também como estilo neogótico. O muro de arrimo que contorna a Igreja e o Museu, é elemento marcante no entorno desse conjunto arquitetônico e, portanto, de interesse ao nosso patrimônio cultural. Vale dizer, que esse espaço, de tal maneira inserido nesse conjunto, traz um apelo à memória religiosa, daí a ideia dos proponentes deste projeto de ali se instalar uma Via-Sacra contemporânea.

Pois bem, esse muro é o suporte expositivo a abrigar as pinturas deste projeto, ao longo dos 106 metros de sua extensão. Em forma de meia-lua, a área atinge 8,80m na verticalidade máxima. Situado em curva de nível, o painel exige uma leitura dinâmica de qualquer assunto que ali se queira projetar. Os cinco artistas escolhidos foram Benedito Nunes, Regina Pena, Jonas Barros, Adir Sodré e Gervane de Paula, e cada qual realizou três atos, executados em pintura acrílica sobre tela, medindo 100 x 90cm, ficando, portanto os 15 trabalhos anexados ao acervo do Museu de Arte Sacra.

Os organizadores deste projeto apresentaram, a esses artistas, quinze atos ou cenas da Via-Sacra, a partir do

Julgamento à Ressurreição de Cristo. Porém, não houve nenhuma exigência dimensional repassada aos artistas em relação à metragem do mural em questão. Tiveram total liberdade de escolher os atos – na maioria sequenciais –; entretanto, os realizaram sem considerar as dimensões que suas obras ocupariam no muro. Espontaneamente produziram quinze telas a ilustrar a Via-Sacra, tal uma história em quadrinhos. Vale. Mesmo porque, precursora da história contada em quadros, as pinturas da Via-Sacra, inclusive, estavam como letra naquele tempo em que quase ninguém sabia ler e assim manteve-se a tradição.

Portanto, além de selecionar, adequar a cronologia dessas obras e dimensioná-las nesse espaço – e que espaço: irregular, sinuoso em acente e declive em curva dinâmica, tem esse muro! Tangível, “Decifra-me ou te devoro”, nos desafiava o muro. Essa tarefa foi o nosso desafio, aliás, para isso mesmo nos chamaram. Para tanto, nossa curadoria contou com a experiência em computação gráfica do designer Augusto Figliaggi, na construção da chamada “obra única” pelos organizadores do projeto, obra essa a ser ampliada e executada no painel expositivo, a cargo do profissional Luzinan Alves. A organização nos deu total liberdade na composição dessa obra única. Inclusive, a liberdade de não necessariamente utilizar todos os atos apresentados pelos artistas e, mesmo entre os utilizados, neles proceder a alguns ajustes ou fusões de recursos de computação gráfica, em benefício da unidade da expressão compositiva.

Não fosse essa liberdade, dificilmente conseguiríamos solucionar o espaço e contar a versão contemporânea dessa história. Ora, tendo o muro um acente crescente, um ponto de verticalidade e um declive, quase abrupto, como deixar a crucificação e a morte de Cristo, o ápice da paixão, fora do ponto mais alto? O muro, em sua verticalidade máxima, está para a cena assim como o monte Calvário está para a via iconográfica, pois não? Logo, ao declive caberia receber a sequência narrativa da Deposição. Trabalhamos com dez, entre os quinze

Em detrimento do vigoroso estilo barroco e do sofisticado rococó, que dominaram as artes europeias, respectivamente no século XVII e na primeira metade do século XVIII, vigorou na Europa, antes, durante e depois da Revolução Francesa (1789), o severo estilo neoclássico a restaurar e a impor os ideais do classicismo grego e renascentista. Entretanto, em oposição a esses valores, o romantismo, com sua rebelde nostalgia, logo no início do século XIX, indicara à arte uma evocação ao passado gótico medieval, mais próximo da identidade formadora dos países europeus e mais dramático que as ordens da velha Grécia.

A propósito, no centro histórico de Cuiabá, a Santa Casa de Misericórdia (1817/19), o antigo Seminário Nossa Senhora da Conceição (1858/1882), hoje Museu de Arte Sacra e, mais tardia, a Igreja Nossa Senhora do Bom Despacho (década de 1920), constituem resquícios da arquitetura romântica entre nós, caracterizada pelas decorações pontiagudas, conhecidas também como estilo neogótico. O muro de arrimo que contorna a Igreja e o Museu, é elemento marcante no entorno desse conjunto arquitetônico e, portanto, de interesse ao nosso patrimônio cultural. Vale dizer, que esse espaço, de tal maneira inserido nesse conjunto, traz um apelo à memória religiosa, daí a ideia dos proponentes deste projeto de ali se instalar uma Via-Sacra contemporânea.

Pois bem, esse muro é o suporte expositivo a abrigar as pinturas deste projeto, ao longo dos 106 metros de sua extensão. Em forma de meia-lua, a área atinge 8,80m na verticalidade máxima. Situado em curva de nível, o painel exige uma leitura dinâmica de qualquer assunto que ali se queira projetar. Os cinco artistas escolhidos foram Benedito Nunes, Regina Pena, Jonas Barros, Adir Sodré e Gervane de Paula, e cada qual realizou três atos, executados em pintura acrílica sobre tela, medindo 100 x 90cm, ficando, portanto os 15 trabalhos anexados ao acervo do Museu de Arte Sacra.

Os organizadores deste projeto apresentaram, a esses artistas, quinze atos ou cenas da Via-Sacra, a partir do Julgamento à Ressurreição de Cristo. Porém, não houve nenhuma exigência dimensional repassada aos artistas em relação à metragem do mural em questão. Tiveram total liberdade de escolher os atos – na maioria sequenciais –; entretanto, os realizaram sem considerar as dimensões que suas obras ocupariam no muro. Espontaneamente produziram quinze telas a ilustrar a Via-Sacra, tal uma história em quadrinhos. Vale. Mesmo porque, precursora da história contada em quadros, as pinturas da Via-Sacra, inclusive, estavam como letra naquele tempo em que quase ninguém sabia ler e assim manteve-se a tradição.

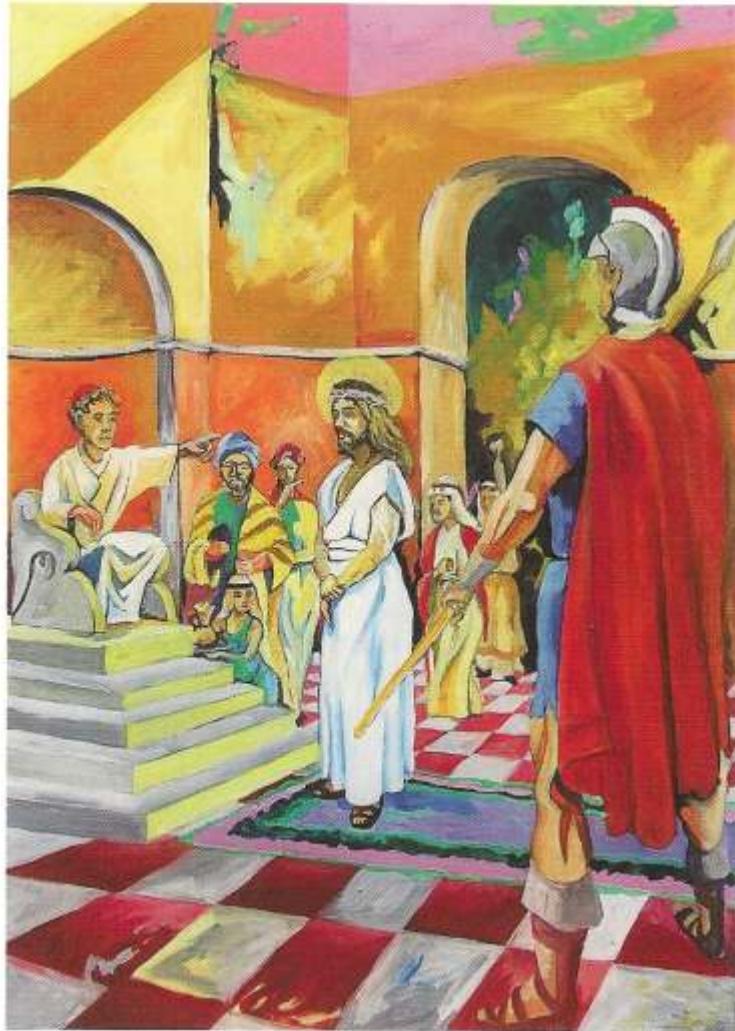
Portanto, além de selecionar, adequar a cronologia dessas obras e dimensioná-las nesse espaço – e que espaço: irregular, sinuoso em acente e declive em curva dinâmica, tem esse muro! Tangível, “Decifra-me ou te devoro”, nos desafiava o muro. Essa tarefa foi o nosso desafio, aliás, para isso mesmo nos chamaram. Para tanto, nossa curadoria contou com a experiência em computação gráfica do designer Augusto Figliaggi, na construção da chamada “obra única” pelos organizadores do projeto, obra essa a ser ampliada e executada no painel expositivo, a cargo do profissional Luzinan Alves. A organização nos deu total liberdade na composição dessa obra única. Inclusive, a liberdade de não necessariamente utilizar todos os atos apresentados pelos artistas e, mesmo entre os utilizados, neles proceder a alguns ajustes ou fusões de recursos de computação gráfica, em benefício da unidade da expressão compositiva.

Não fosse essa liberdade, dificilmente conseguiríamos solucionar o espaço e contar a versão contemporânea dessa história. Ora, tendo o muro um acente crescente, um ponto de verticalidade e um declive, quase abrupto, como deixar a crucificação e a morte de Cristo, o ápice da paixão, fora do ponto mais alto? O muro, em sua verticalidade máxima, está para a cena assim como o monte Calvário está para a via iconográfica, pois não? Logo, ao declive caberia receber a sequência narrativa da Deposição. Trabalhamos com dez, entre os quinze atos interpretados pelos artistas. Devido às especificidades dimensionais do painel expositivo, fomos obrigados a eliminar cinco entre os doze atos inseridos na trajetória do julgamento à morte de Cristo. Era muita figuração narrativa para pouco espaço expressivo. Todavia, sem prejudicar a comunicação da história narrativa, acreditamos que tal redução compositiva melhor acrescentaria à leitura dinâmica exigida pelo espaço físico. E, além de amenizar a carga literária na tradução contemporânea do assunto, a redução compositiva valoriza a expressão criativa no espaço plástico expositivo.

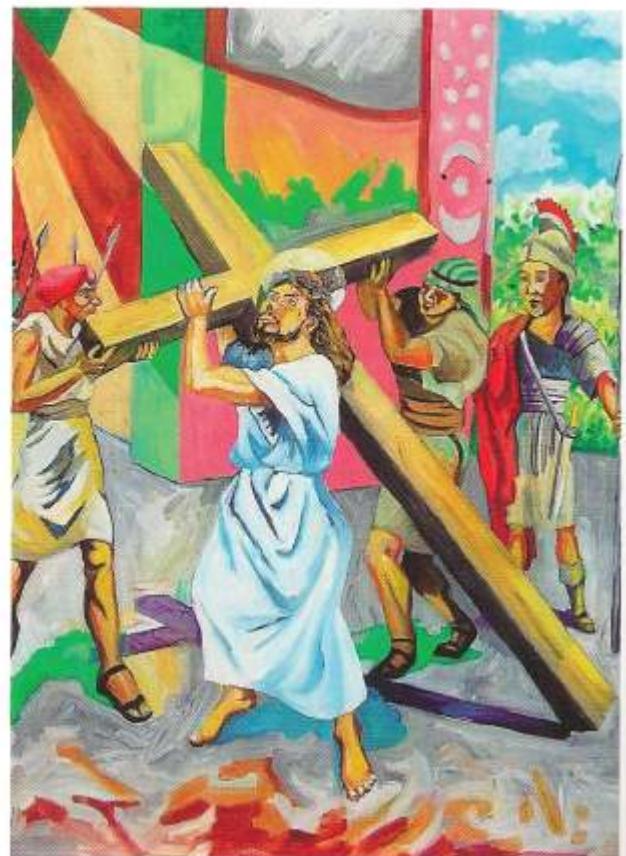
Então, a versão contemporânea desta Via-Sacra começa com Benedito Nunes, o artista mato-grossense que melhor comunica a verve expressiva do Cerrado e contemporiza a cena que tem início no palácio de Pôncio Pilatos. Suas folhagens retorcidas e nervosas invadem os quintais do palácio, alongam-se pela curva do muro e se integram à paisagem urbana. Em seguida, mostra a primeira queda de Jesus, ainda na escadaria palaciana.

Diz a tradição católica que a mulher a enxugar o rosto ensanguentado de Cristo a caminho do Calvário, seria

Benedito Nunes



Ato 1 | Jesus é condenado à morte por Pilatos | acrílica sobre tela



Ato 2 | Jesus carrega a Sua cruz | acrílica sobre tela

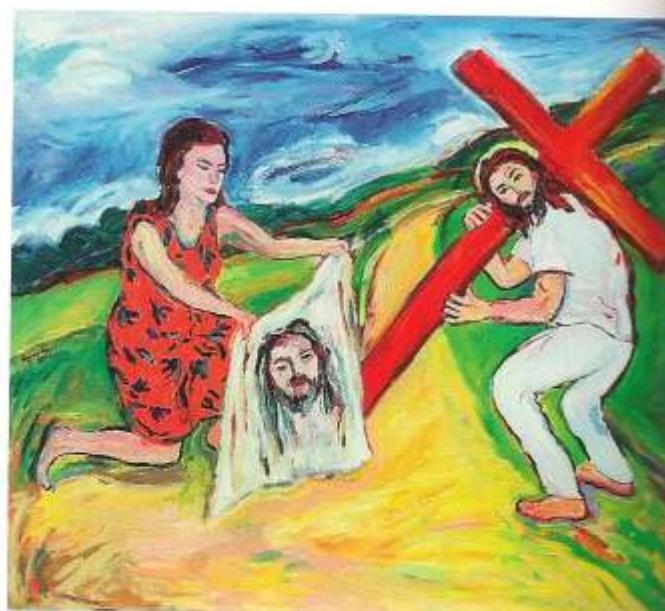


Ato 3 | Jesus cai pela primeira vez | acrílica sobre tela

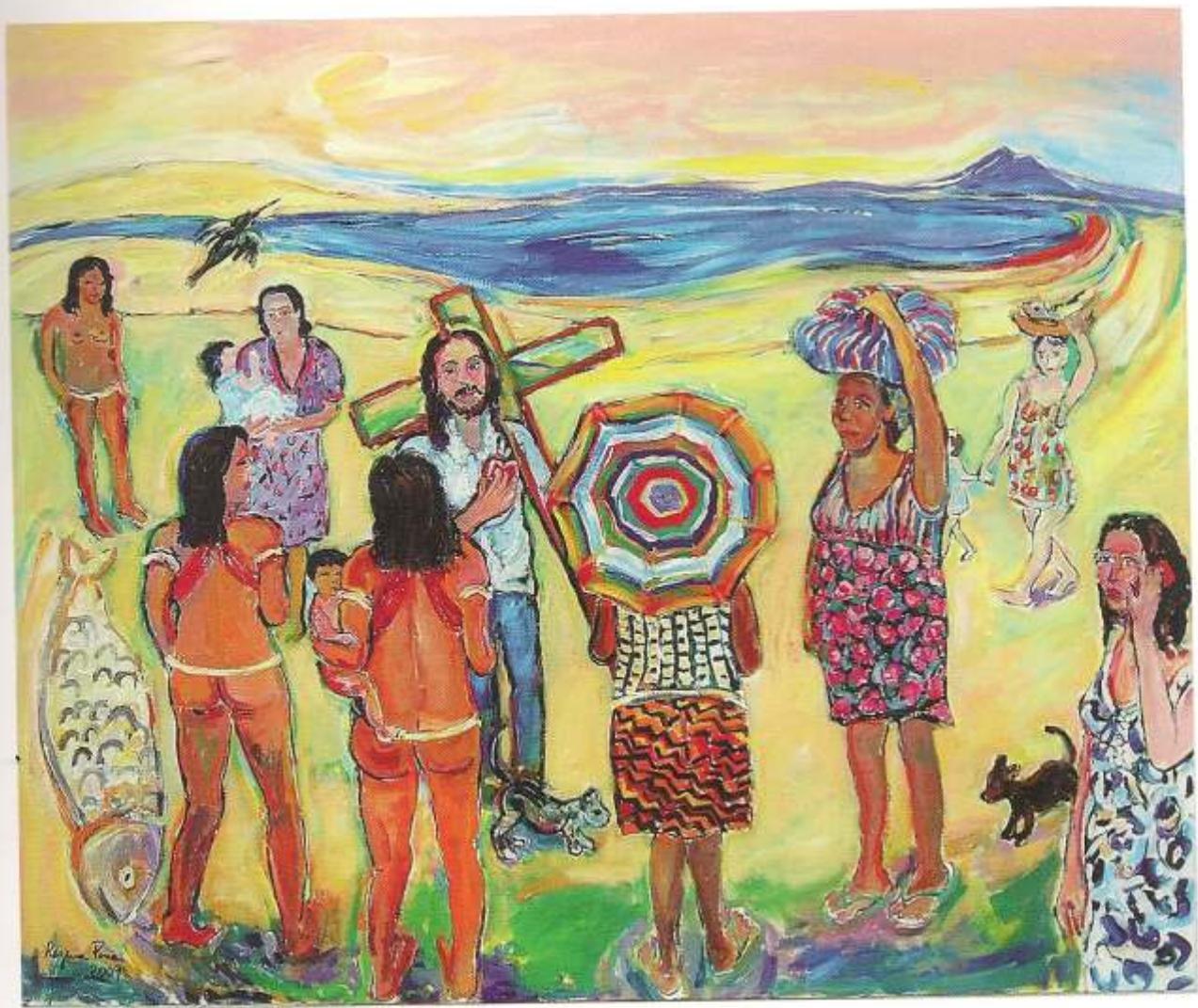
Regina Pena



Ato 4 | Jesus encontra a Sua Santa Mãe | acrílica sobre tela

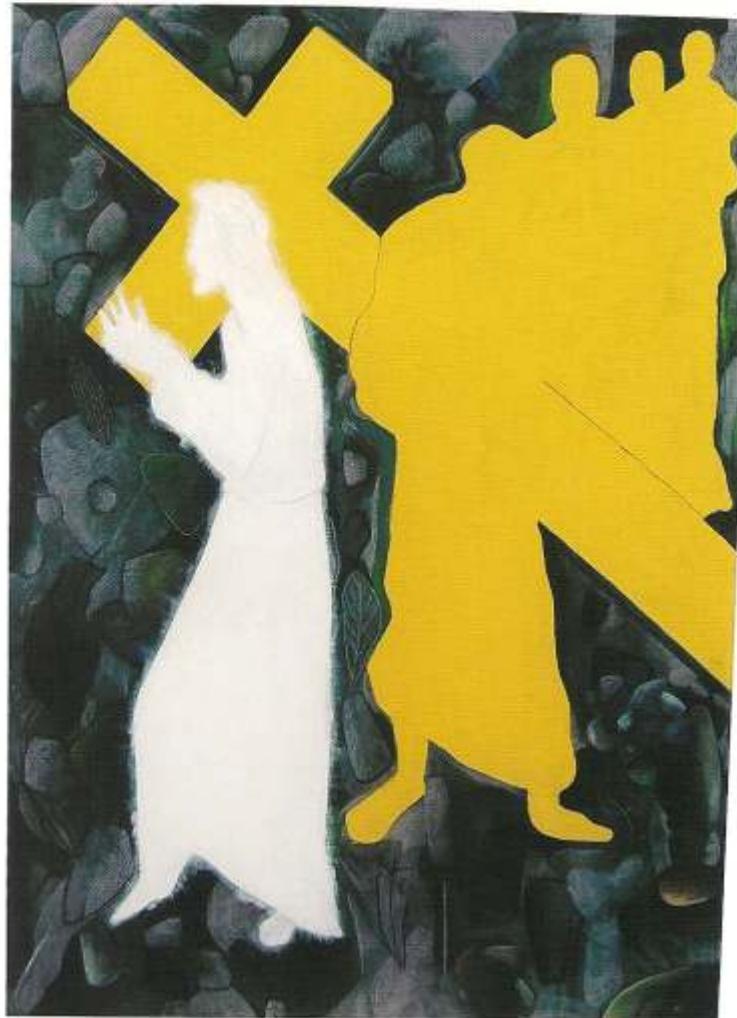


Ato 6 | Verônica enxuga a face de Jesus | acrílica sobre tela



Ato 8 | Jesus fala às mulheres de Jerusalém | acrílica sobre tela

Jonas Barros



Ato 5 | Jesus recebe socorro de Simão para carregar a cruz | acrílica sobre tela

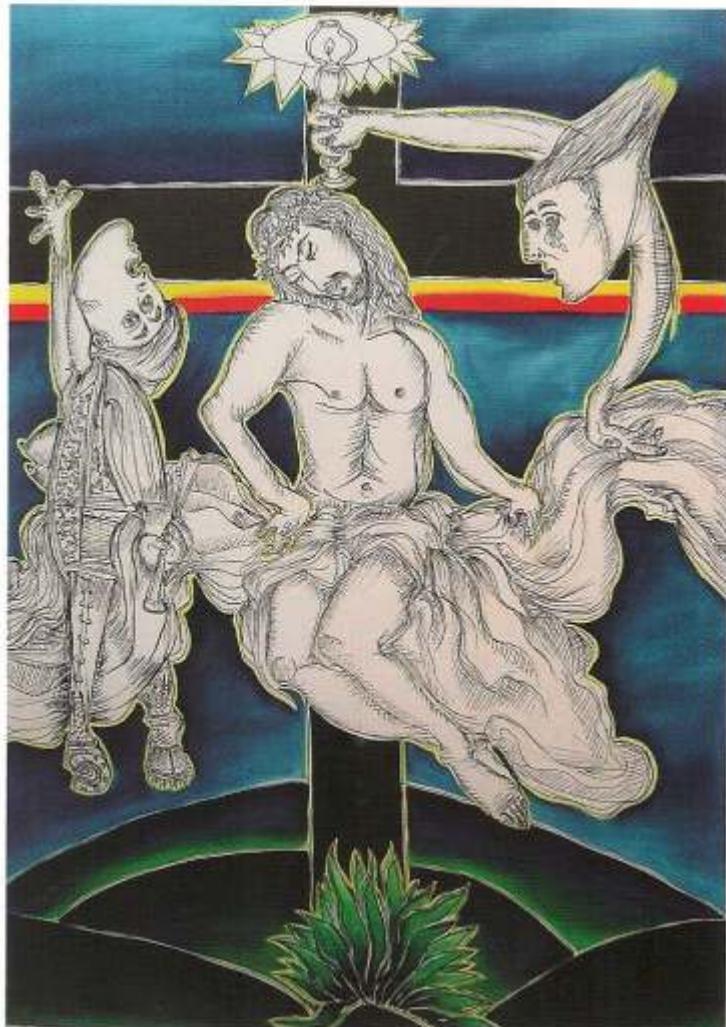


Ato 7 | Jesus cai pela segunda vez sob o peso da cruz | acrílica sobre tela

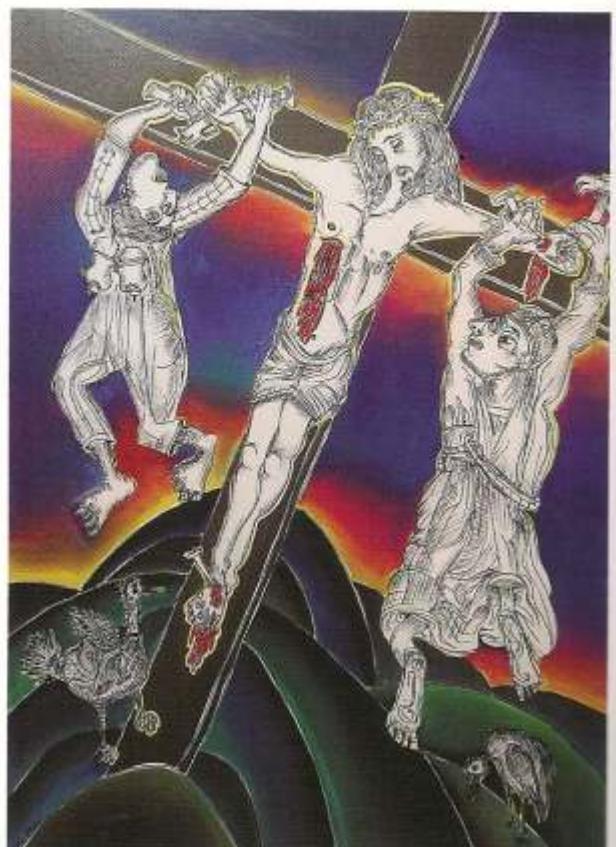


Ato 9 | Jesus cai pela terceira vez sob o peso da cruz | acrílica sobre tela

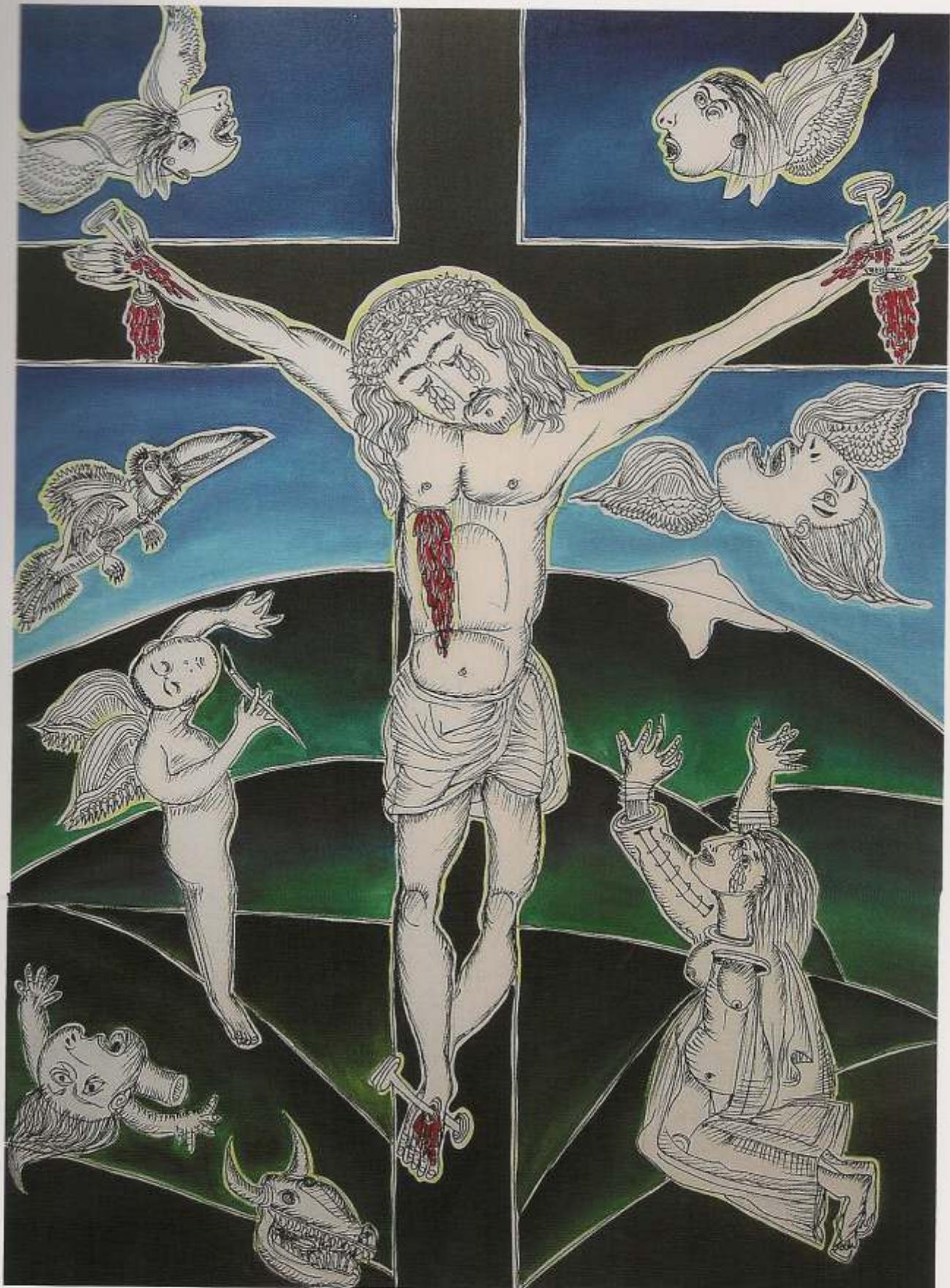
Adir Sodré



Ato 10 | Jesus é despojado de suas vestes | acrílica sobre tela

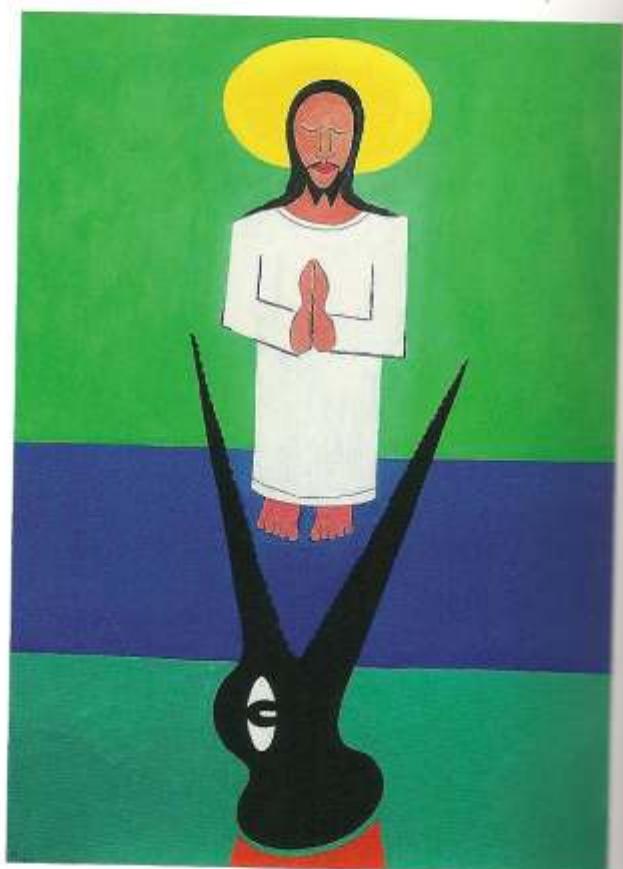
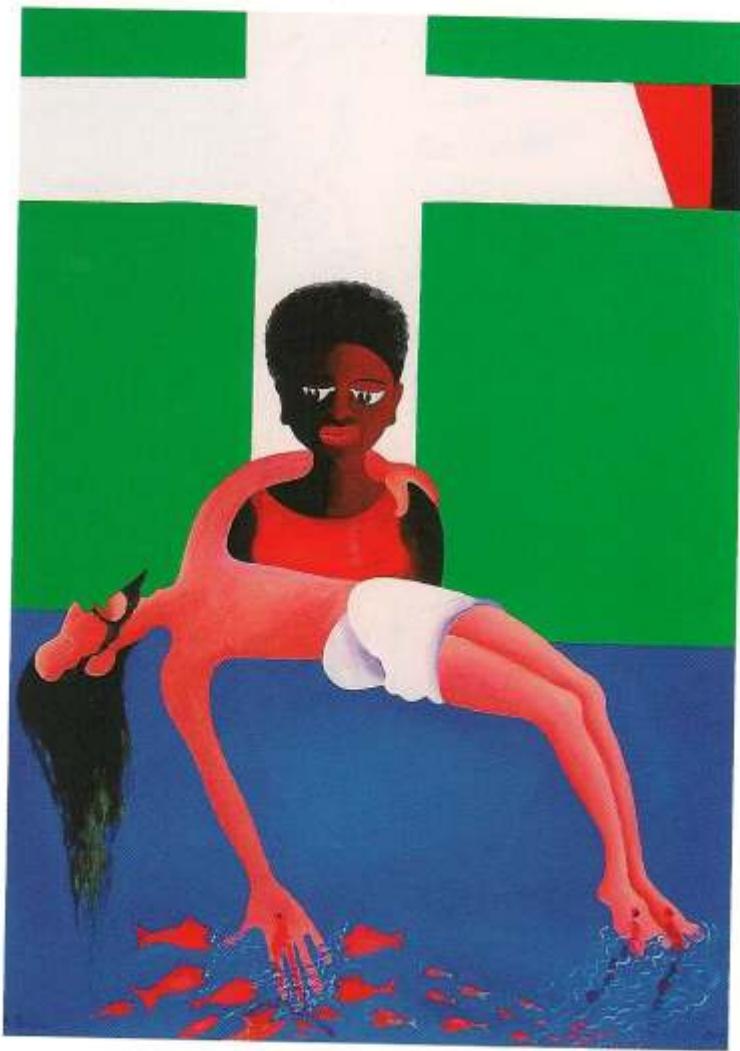


Ato 11 | Jesus é pregado na cruz | acrílica sobre tela



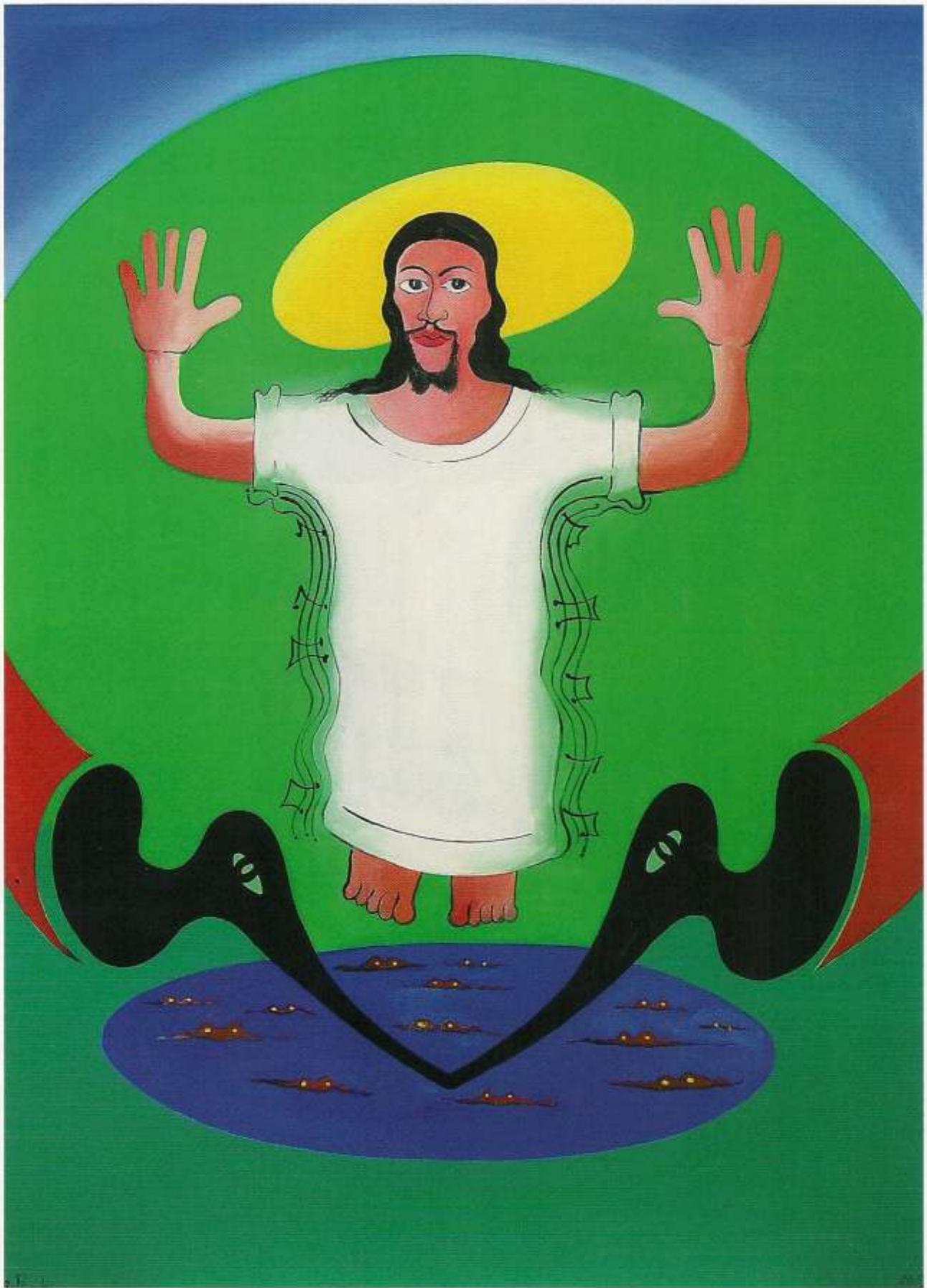
Ato 12 | Jesus morre na cruz | acrílica sobre tela

Gervane de Paula



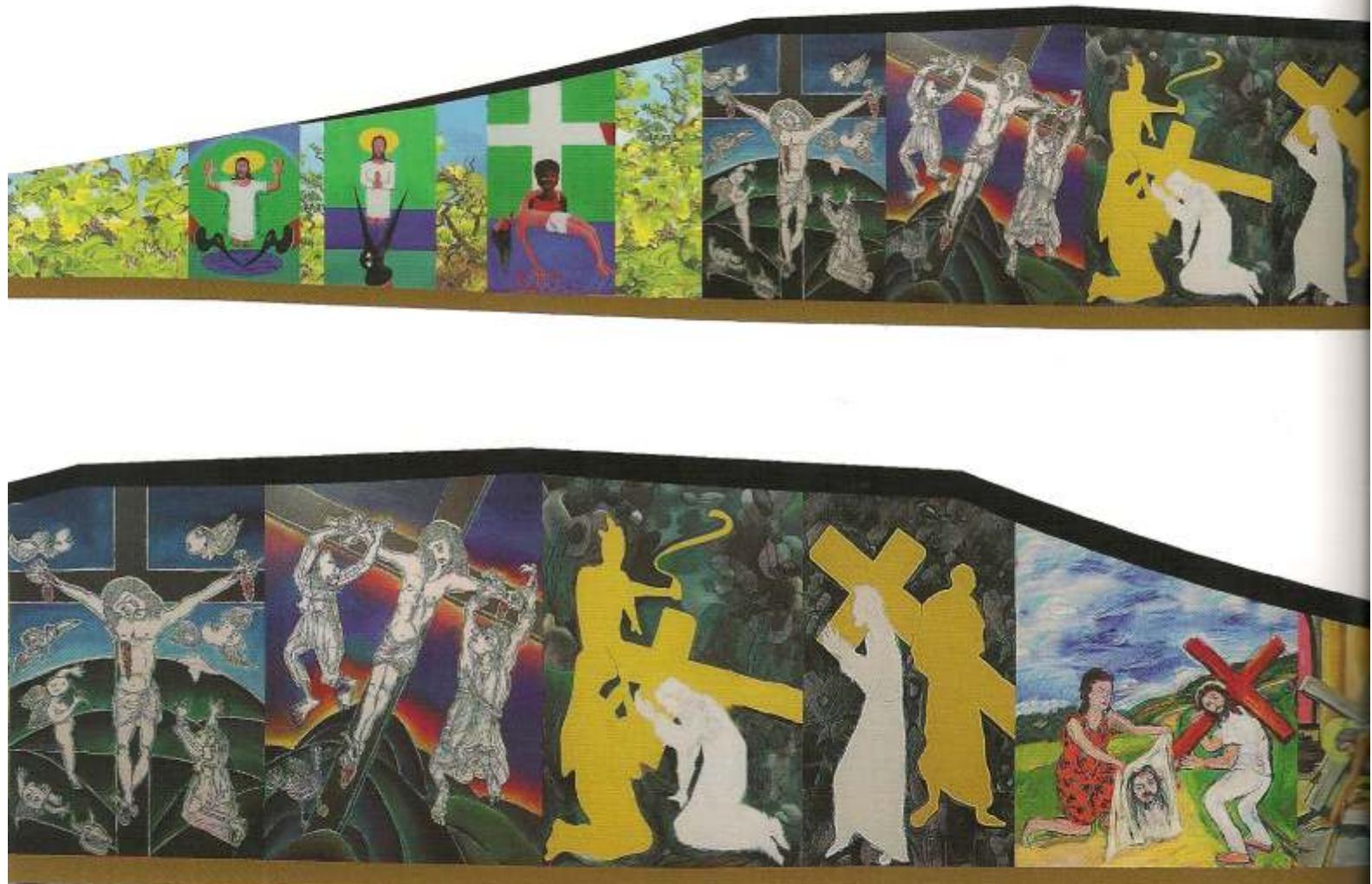
Ato 13 | Jesus é descido da cruz | acrílica sobre tela

Ato 14 | Jesus é sepultado | acrílica sobre tela



Ato 15 | Ressurreição | acrílica sobre tela

Luzinan Alves





Via-Sacra Contemporânea
painei único criado a partir da
junção das telas dos artistas a
ser reproduzido no muro do
Museu de Arte Sacra - MASMT
Designer: Augusto Figliaggi
Reprodução: Luzinan Alves
Oliveira

